

5 f h] [c g

Como a proa de um navio singrando os mares, assim emerge a ilha de Noirmoutier nas águas do Atlântico, não longe da desembocadura do Loire.

Separada do continente por um estreito braço de mar, em 1770 descobriu-se ser possível chegar até ela a pé, durante a maré baixa, percorrendo um trajeto de uma légua através do fundo emergido do oceano. Todavia, o longo e incerto caminho era apenas transitável durante curtos períodos, e só os mais audaciosos se aventuravam a fazer a travessia.

Não era a coragem, entretanto, uma qualidade rara nos habitantes de tal região da França, os quais sempre se destacaram por um caráter arrojado e combativo, aliado a uma fé sincera, robusta e inabalável.

Em 1793, quando o Terror assolou a França, esse povo manteve-se fiel às suas crenças. A religião tornou-se, nas vésperas da Revolução, o seu mais prezado bem. “Que o mundo mude em torno deles, que a sociedade seja abalada, a monarquia derrubada: os camponeses [...] não se comoverão fora da medida. Mas que deitem a mão sobre suas igrejas, seus calvários, seus padres, então os veremos levantar-se, prontos para tudo: para a morte, para o martírio”.¹

Em janeiro do ano seguinte, os patriotas apoderaram-se de Noirmoutier pela segunda vez e massacraram toda a guarnição, bem como grande parte da população civil. Todos os sacerdotes foram fuzilados e muitas das igrejas foram arrasadas até o solo. Durante os meses seguintes, dominados pelo Terror, a ilha chegou a contar mais de 1.200 vítimas.

Um lírio nascido durante a tempestade

Foi nessa atmosfera de perseguição que veio ao mundo a filha de Anne Mourain e Julien Pelletier, em Noirmoutier, a 31 de julho de 1796, como um lírio de inocência brotado em meio à tempestade.

No mesmo dia do seu nascimento, os pais batizaram-na em segredo, dando-lhe o nome de Rosa Virgínia. Só no ano seguinte, após a chegada do primeiro sacerdote à ilha, pôde ela receber a bênção de

%#%&

um ministro sagrado, confirmando a validade do Sacramento que de forma tão simples recebera.

A infância da pequena Rosa foi marcada a fundo pelos acontecimentos. Seus pais, originários de Soullans, haviam se transferido para Noirmoutier, em 1793, devido às suspeitas levantadas por sua dedicação aos sacerdotes ameaçados daquela cidade. De outro lado, todos os religiosos que exerciam seu ministério na ilha, e com os quais a menina estava em assíduo contato, eram autênticos confessores da fé e tinham enfrentado inúmeras tribulações, por amor à Igreja.

Tais personagens adquiriam aos olhos de Rosa Virgínia uma luz especial, como só o sofrimento pode dar, gravando de forma indelével em seu infantil coração o valor e a dignidade do sacrifício e do heroísmo. Estas impressões exerceram grande influência no desenvolvimento de sua personalidade e, sobretudo, na inteira aceitação com a qual mais tarde correspondeu ao chamado da Providência.

“Deverei dobrar-me, mas serei religiosa!”

Com efeito, a voz de Deus fez-se ouvir bem cedo no fundo de sua alma pura e generosa. Em 1807, pouco depois da Primeira Comunhão, Rosa ouviu com nitidez, em seu interior, o chamado às vias da perfeição. Sabia, porém, que para atingir esse objetivo precisaria vencer rudes batalhas, entre as quais a mais árdua de todas seria travada contra um adversário terrível: seu temperamento.

5 f h] [c g

' #%&

5 f h] [c g

Santa Maria Eufrásia Pelletier

Possuía ela um caráter muito vivo, que a conduzia, por vezes, a certos excessos, na impertinência das respostas e no desejo de fazer a própria vontade. Entretanto, sua consciência logo a levava ao arrependimento da falta cometida e a repará-la com penitências.

Um companheiro mudo - e quão eloquente! - influía também no espírito sensível da pequena, causando-lhe salutar impressão: o mar... Passeando pela costa, extasiava-se na contemplação do imenso tapete aquático, cujas ondas sucessivas arremetiam-se furiosamente contra os rochedos. A vida, que se abria diante dela, parecia-lhe um oceano encapelado, cheio de riscos e de incertezas, contra os quais só prevaleceria quem soubesse combater.

A luta sem trégua contra os próprios defeitos provinha dessa concepção aguerrida da existência e da deliberação irrevogável de realizar o ideal já proposto, como ela mesma confessou a uma das irmãs, a quem fora confiada sua educação: “Bem sei que precisarei dobrar-me, mas serei religiosa”.²

Deus prova a quem ama

Deus prova desde muito cedo aqueles que ama. Não faltou na infância e adolescência de Rosa Virgínia tal sinal de predileção: em 1805 perdeu sua irmã preferida, Vitória Emília, e no ano seguinte o próprio pai.

A morte de Julien Pelletier fez recair sobre a viúva o peso da formação dos filhos. À vista das dificuldades encontradas, deliberou ela voltar para Soullans e confiar os estudos de Rosa Virgínia a uma amiga de infância, Madre Pulchérie Chobelet, fundadora da Associação Cristã, destinada à educação da juventude, em Tours. A menina, então com dez anos, teve de abandonar sua querida ilha de Noirmoutier e separar-se da família.

O ambiente do educandário estava bem longe de proporcionar-lhe as consolações da intimidade do lar, pois Madre Pulchérie tratava as

(#%&

alunas com excessiva severidade. No entanto, Deus servia-Se dessa situação para moldar a alma de Rosa, preparando-a para sua grande missão. Antes de tornar-se fundadora e superiora, era-lhe necessário exercitar-se na obediência e aceitar as humilhações como meio eficaz de dobrar a própria vontade; obedecer com verdadeira submissão, para depois mandar com autoridade autêntica.

O sonho se transforma num convite

Não obstante, o maior fruto da estância em Tours foi a explicitação de sua vocação. Próximo do local onde vivia, um edifício de muros austeros intrigava o espírito da jovem, causando-lhe inexplicável atração. Era o Refúgio de Nossa Senhora da Caridade, pertencente à congregação fundada por São João Eudes para acolher moças decaídas ou em situação de risco, desejosas de reparar as quedas passadas e encetar nova vida.

O carisma da instituição ia de encontro às aspirações do coração da adolescente, que ardia por conquistar almas para Jesus. Seu sonho de vida religiosa transformara-se agora num convite claro para entregar-se a Deus dentro desta obra de São João Eudes.

Em 20 de outubro de 1814, Rosa Virgínia Pelletier ingressou como postulante no Refúgio de Tours. Logo nos primeiros meses, a jovencinha de 18 anos surpreendeu a comunidade, demonstrando possuir uma maturidade bem superior à que se poderia esperar de sua jovem idade. Recebeu, então, a incumbência de ensinar o catecismo às penitentes, isto é, às jovens ali recolhidas para se emendarem. Desempenhou com sucesso a função, dando largas ao entusiasmo de sua apostólica alma.

Chegado o dia da admissão ao noviciado, no qual a postulante vestiria o branco hábito da Congregação, era também costume tomar um novo nome. A escolha de Rosa Virgínia recaiu sobre Santa Teresa de Jesus, a quem muito admirava. Contudo, a superiora era de opinião diferente e, no intuito de dar-lhe uma lição de humildade, objetou: “Vós quereis o nome de uma tão grande santa? Pretendei igualar-vos a ela, pobre e pequena aspirante à perfeição religiosa?”. E sentenciou: “Ide procurar, na Vida dos Santos, o nome mais humilde e oculto”.³ Rosa obedeceu

) #%&

5 f h] [c g

sem murmurar e elegeu como padroeira Santa Eufrásia, uma religiosa de vida muito apagada.

Em qualquer ocasião, Irmã Maria Eufrásia era de uma flexibilidade excepcional em relação às superiores. Nos momentos de recreio, porém, revelava sua jovialidade, desdobrando-se em delicadezas para com as irmãs idosas, e irradiando em torno de si a alegria transbordante de sua alma. “Não posso lembrar-me dela sem que se renove em mim a doce reminiscência das virtudes heroicas, que a vi praticar como noviça, dando às Madres veteranas a esperança de ser a glória e a honra de nossa Congregação”,⁴ escreveu uma de suas companheiras.

Superiora do Refúgio de Tours

Após sua profissão religiosa, em 1817, Irmã Eufrásia recebeu o delicado encargo de Mestra das penitentes. Dotada de um equilibrado carisma de direção, não receava juntar-se às suas subalternas nas conversas e passeios, engenhando-se em distraí-las. Quando, todavia, se tratava da Lei de Deus, mostrava-se tão severa e inflexível que elas preferiam qualquer penitência a um só olhar de reprovação da mestra. “Ela tinha um quê de imponente e ao mesmo tempo de atraente, que lhe ganhava todos os corações”,⁵ comenta um de seus confessores.

Deste modo, amada e respeitada, adquiriu grande ascendente dentro da comunidade, a ponto de, em 1825, reunido o Capítulo para a escolha de uma nova Superiora, ter sido eleita por unanimidade, antes de completar 29 anos!

* #%&

5 f h] [c g

+ # % &

5 f h] [c g

, #%&

5 f h] [c g

**Ao calor dos raios do amor divino,
a menina temperamental
transformou-se na “mulher forte”
Fotografias de Santa Maria
Eufrásia tiradas antes de ser
religiosa e nos últimos
anos de vida**

A elevação ao cargo lhe contundia a humildade e os propósitos de obediência. Entretanto, a consideração de seu próprio nada não a impedia de exercer a autoridade com firmeza, como se patenteou em sua decisão de instituir as Madalenas.

Durante os anos de experiência entre as penitentes, ela constatara com pesar que muitas dessas jovens, sinceramente convertidas, desejavam completar sua emenda de vida abraçando o estado religioso. Sem embargo, não encontravam nenhum Instituto que as aceitasse. Por isso, a Santa via a urgência de erigir uma Congregação, sufragânea do Refúgio, destinada a acolher tais vocações.

Muitos foram os obstáculos apresentados pelo Conselho da Comunidade quando Madre Maria Eufrásia lhe participou o projeto de fundação. Não obstante, convicta de estar seguindo uma inspiração do Espírito Santo, declarou: “Vós me nomeastes Superiora: sou indigna, estou confusa; mas enfim, já que sou a Superiora, fundaremos as Madalenas”.⁶

Em breve, a nova obra tomou vida e o número de vocações ultrapassou as expectativas da Fundadora.

O Bom Pastor de Angers

O ousado empreendimento ficava, porém, muito aquém da insaciável sede de almas de Madre Maria Eufrásia, cujas realizações nunca pareciam estar à altura dos próprios anseios apostólicos. Dir-se-ia ser a Terra por demais estreita para a medida de seu zelo, pois sua ardorosa alma participava, em algo, do infinito amor de Jesus pelos pecadores.

- #%&

5 f h] [c g

Deus, no entanto, alimentando-lhe tais desejos no coração, não deixaria de propiciar os meios para que se cumprissem. Em 1829, as irmãs de Tours foram convidadas a abrir um Refúgio na cidade de Angers, e instalar-se no antigo prédio do Bom Pastor. Tomada de viva alegria, Madre Eufrásia logo aceitou e deslocou-se até lá, a fim de organizar o mosteiro nascente.

Os primeiros meses foram duros, devido à falta de recursos materiais; mas, vencidos esses embaraços, iniciou-se para o Refúgio do Bom Pastor a “era dos milagres”:7 choveram donativos, as vocações se multiplicaram e ergueu-se uma bela capela.

Estabelecida em Angers a nova comunidade, a santa Madre acalentava o sonho de ampliar a atuação da ordem para além das fronteiras da França e da Europa. Todavia, o fato de cada mosteiro da congregação possuir autonomia administrativa gerava falta de unidade, apresentando muitas dificuldades à expansão da obra.

Havia a imperiosa necessidade de dar às noviças uma formação uniforme, sob uma única autoridade, de modo a manter a coesão entre as diversas fundações no mundo inteiro. Era preciso reunir todas as casas sob um único generalato.

A oportunidade apresentou-se em 1833, por ocasião da abertura de um mosteiro em Le Mans. Com a aprovação do Bispo de Angers e o acordo unânime do Capítulo, ficou determinado que a nova fundação permaneceria dependente da Casa-Mãe de Angers, a cuja Superiora a nova comunidade deveria obediência.

A mesma Constituição foi aplicada, nos anos seguintes, a outras fundações, e o generalato tornou-se um fato consumado na ordem, à espera da aprovação de Roma. Esta chegou no dia 3 de abril de 1835, por um Breve Apostólico, no qual o Papa Gregório XVI declarava a Superiora de Angers, Madre Geral de todos os mosteiros da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor.

Filha da Santa Igreja Católica Apostólica Romana

Nos dois anos de expectativa da aprovação pontifícia, muitos

%\$#%&

5 f h] [c g

sufrimentos se abateram sobre Madre Eufrásia, devido à acérrima oposição do Refúgio de Tours, por parte dos padres eudistas, e de numerosos Bispos, em cujas dioceses as casas da congregação estavam instaladas.

Os fatos, contudo, não demorariam em dar razão à fundadora: a Obra do Bom Pastor se desenvolveu prodigiosamente, espalhando-se pelos cinco continentes, de maneira tal que, ao falecer, ela deixava 110 mosteiros, onde viviam em harmonia irmãs professoras, noviças, Madalenas, Penitentes e outras tantas categorias de jovens, num total de quase 20 mil filhas espirituais.

Em 24 de abril de 1868, após longa enfermidade, suportada com admirável paciência, Madre Eufrásia entregou a alma a Deus. Naquele rosto sofrido e inânime, no qual pouco restava da juvenil beleza, refletia-se, entretanto, o espírito de uma verdadeira esposa de Nosso Senhor Jesus Cristo, filha fiel da Igreja, na qual não houve fraude. Seu derradeiro holocausto fora o epílogo vitorioso e feliz de uma nobre existência, vivida apenas para a glória do Altíssimo.

União entre os pecadores e a divina misericórdia

Apraz muitas vezes ao Criador envergonhar os sábios do mundo (cf. I Cor 1, 27-28), escolhendo criaturas fracas sob o ponto de vista humano para a realização de grandes obras. Não obstante, em outras ocasiões, Ele Se gloria em chamar a seu serviço pessoas de natureza muito bem dotadas, cujas qualidades sublima, derramando com abundância sua graça sobre elas.

Rosa Virgínia Pelletier pertence a esta segunda categoria de almas. Viva e intrépida, de porte elegante e formosa fisionomia, na qual se refletiam uma alma clara e um raciocínio lógico e perspicaz, representava ela, em seus primeiros anos, o protótipo da jovem francesa. Ao calor dos raios do amor divino, a menina temperamental transformou-se na “mulher forte” (Eclo 26, 2), de espírito maduro e têmpera férrea, como tão bem o expressam as seguintes palavras, pronunciadas por Pio XI durante a reunião geral da Sagrada Congregação dos Ritos, de 31 de janeiro de 1933, em que foi aprovada sua beatificação:

%/d#%&

“Nada lhe falta do que se chama grandeza humana e que se multiplica indefinidamente, quando essa grandeza se consagra não a coisas humanas ou de iniciativas caducas, mas a coisas sobrenaturais, celestes, divinas. Nada lhe falta: nem o esplendor dos grandes e vastos pensamentos, nem os exemplos de vontade operosa e criadora; há nela um verdadeiro talento organizador, uma força, uma perseverança de vontade cônica e vitoriosa de todos os obstáculos e dificuldades”.⁸ Semelhante à sua ilha natal de Noirmoutier, Santa Maria Eufrásia soube ser o istmo entre a multidão de almas isoladas pelo pecado, ou açoitadas pelo mar das tentações, e o continente seguro e acolhedor da misericórdia divina. Também contra ela abateram-se os vagalhões da adversidade, da aridez, da perseguição e da angústia, sem, no entanto, lograr abalá-la; antes, conservou sempre um equilíbrio admirável, uma nobre e imutável serenidade, certa de poder contar com a benevolência de Deus.

1 BILLAUD, Auguste. *La guerre de Vendée. Fontenay-le-Comte: Lussaud, 1972, p.11.*

2 GEORGES, CJM, Emile. *Sainte Marie-Euphrasie Pelletier. Paris: P. Lethielleux, 1942, p.11.*

3 *Idem, p.31.*

4 MADRE MARIA DE SANTO ESTANISLAU KOSTKA BEDOUET. *Lettre a Soeur Marie des Anges Vallois, apud PEDREIRA DE CASTRO, CM, Jerônimo. Santa Maria Eufrásia Pelletier. Petrópolis: Vozes, 1941, p.47.*

5 PORTAIS, Ch. *La vénérable Mère Marie de Sainte Euphrasie Pelletier, apud GEORGES, op. cit., p.41.*

6 ACTES DU PROCES DE CANONISATION: *Positio, super virt., apud GEORGES, op. cit., p.50.*

7 MADRE MARIA DE SANTA EUFRÁSIA PELLETIER. *Entretiens et Instructions de la Réverende Mère Marie de Sainte Euphrasie Pelletier, Fondatrice du Généralat de la Congrégation du Bon Pasteur d'Angers, précédés d'une notice sur sa vie, apud GEORGES, op. cit., p.71.*

8 PIO XI. *Decreto di tutto, de 31/01/1933, apud PEDREIRA, op. cit., p.355.*

(Revista Arautos do Evangelho, Abril/2012, n. 124, p. 34 – 37)

%&#%&